Suplemento do Património

mensal | ano 10 | 3.ª série | n.º 69 | distribuição gratuita | revista municipal

Igreja de São Mamede de Alentém

*Cristiano Cardoso **Elsa Silva

A igreja de São Mamede de Alentém está localizada na freguesia de Vilar de Torno e Alentém, no Concelho de Lousada, Distrito do Porto.

O templo em causa perdeu a sua função de Paroquial, quando a freguesia de Alentém foi anexada à de Vilar de Torno em 1834. Mais tarde Alentém voltou a separar-se, situação que, no entanto, durou pouco tempo. A 23 de Novembro de 1922, o bispo do Porto, D. António Barbosa de Leão, emitiu uma provisão na qual anuncia que *atendendo à pequena população da freguesia e a que os actos paroquiais são, de há muito, praticados na freguesia de Santa Maria de Vilar de Torno e à dificuldade de obter recursos, havemos por bem declarar extinta a referida freguesia* (MOURA, 2009:710). No entanto, é de salientar que em termos de religiosidade popular, não perdeu a sua função, sendo ainda bastante estimada na freguesia.

A extinta paróquia de Alentém foi sufragânea da diocese de Braga até 1882. No início desta década, o rei D. Luís, no seguimento da reforma político-administrativa então em curso, pediu ao papa Leão XIII a definição de uma nova circunscrição eclesiástica, assim como a extinção de várias dioceses, invocando, entre outras razões, a escassez de recursos e o desenvolvimento dos meios de comunicação. Pela bula *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*, de 30 de Setembro de 1881, eram extintas cinco dioceses portuguesas, procedendo-se a diversos ajustes nas circunscrições de outras. As disposições plasmadas na bula foram executadas a 4 de Setembro de 1882 pelo cardeal D. António, bispo do Porto, incumbido de tal tarefa. Pela nova circunscrição das dioceses do reino foi atribuída à diocese do Porto a paróquia de Alentém, entre outras do concelho de Lousada, que até então dependiam da diocese bracarense. (ALMEIDA, 1970:13-15; RAMOS, 2003:175 e 176; ANDRÉ e PATRÍCIO, 1988:227).

A fundação da paróquia é anterior a 1220, ocasião em que já é mencionada na colação de *Sancta Cruce de Sausa* (Santa Cruz de Riba Tâmega) das Inquirições Gerais de D. Afonso II (PMH, *Inquisitiones*: fl. 61). Em 1258 volta a ser referida nas Inquirições empreendidas pelo Bolonhês como *ecclesie Sancti Mametis de Arentey* (*in* LOPES, 2004: 405), contudo, deste templo medieval já não resta qualquer vestígio.

A estrutura observada actualmente apresenta soluções arquitectónicas modernas. O abade de Miragaia, sucessor da obra de Pinho Leal após a morte deste, atribui a obra de renovação da capela-mor a D. Cristóvão de Almeida Soares, bispo de Pinhel e natural da Casa de Alentém. Este prelado, por finais do século XVIII, terá patrocinado esta reforma (LEAL, 1990:1285). É, aliás, destas informações que José Augusto Vieira se serve para aludir à dita obra e acrescentar que *em virtude de um legado seu* [do bispo de Pinhel] *fazem-se todos os annos n'esta egreja os officios de quinta feira santa* (1887:364).

Actualmente deparamo-nos com um espaço que se apresenta muito simples tanto no exterior como no interior, ou seja, adopta uma ornamentação de registo mínimo que se localiza principalmente no alçado principal e nas zonas de remate, de forma a diminuir a concepção arquitectónica de linhas muito depuradas, planas e lisas.

É formada por uma só nave e cabeceira rectangular, tendo este último corpo sido remodelado em finais do século XVIII, altura em que o bispo de Pinhel manda renovar este espaço. O alçado principal (fig.1) organiza-se através do vão de entrada sendo este rematado por um frontão triangular, acabando em empena também de registo triangular. No topo e no mesmo

* Técnico Superior de Ciências Históricas - Gabinete do Património Histórico
** Técnica Superior de História de Arte (Estagiária) - Gabinete do Património Histórico

eixo de verticalidade é encimada por uma cruz. Nas extremidades é delimitada por pilastras em cantaria e caiada. Lateralmente podemos observar uma torre sineira, também esta caracterizada por uma composição simétrica e simples.

Quanto aos alçados laterais apresentam-se igualmente caiados e bastante simplificados. O alçado lateral direito apresenta dois vãos de iluminação também envoltos por cantaria, que recebem formas mais dinâmicas e movimentadas, que, por sua vez, atenuam a personalidade depurada que todo o conjunto arquitectónico evidencia.

Figura 1. Alçado principal da Igreja de São Mamede de Vilar do Torno e Alentém.

O alçado lateral esquerdo é composto pela escadaria que dá acesso à torre sineira (fig.2), assim como à zona do coro-alto, elemento ainda presente no interior deste templo. No seguimento deste alçado temos um volume anexado ao corpo que corresponde à zona da capela-mor, que tem a função de sacristia. A cabeceira, de perfil rectangular, é composta de ambos os lados por dois vãos de iluminação tornando este espaço bastante iluminado em relação ao restante corpo da igreja. A rematar este corpo temos nas extremidades duas urnas, que demonstram uma linguagem mais evoluída relativamente ao arranjo presente na fachada principal e na nave, que nos remete para padrões utilizados no estilo neoclássico.

Figura 2. Vista parcial da cabeceira e do alçado lateral.

O interior da igreja, tanto o espaço da nave, como o espaço da capela-mor, encontra-se bastante alterado. Em grande parte os elementos que observamos são intervenções realizadas ao longo do século XX. Este espaço quando observado, não apresenta nenhuma das estruturas retabulares que outrora existiram, como podemos, confirmar pelo registo dado pelo pároco em 1758, que menciona que a igreja tinha três altares, sendo o altar-mor dedicado a São Mamede e os restantes, um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e o outro a Nossa Senhora da Ajuda (CAPELA, BORRALHEIRO e MATOS, 2009: 293). Um destes retábulos, o de Nossa Senhora do Rosário, terá sido obra executada por meados de Setecentos, uma vez que não vem referido no *Diccionario Geográfico* do Padre Luís Cardoso, publicado em 1747: *tem só dous Altares, o Altar mór de S. Mamede, Padroeiro da Casa, e hum collateral de Nossa Senhora* (1747:260). Em lugar desses altares vemos nas extremidades da nave, junto ao arco cruzeiro, dois vãos abertos nos alçados laterais que albergam alguma da imaginária que compõe este templo.

Francisco da Serra Craesbeeck faz referência a *huma campa com letreiro, que fica defronte do altar collacteral de Nossa*

Figura 3. Escultura de São Mamede.

Figura 4. Vista posterior do manto da escultura de São Mamede.

Figura 5. Representação de Nossa Senhora do Rosário.

Senhora da Ajuda, a qual sepultura he da Caza de Arentem. A leitura da inscrição, proposta pelo autor, identifica a sepultura de João Monteiro, cujo falecimento terá ocorrido durante a década de 40 do século XVII (CRAESBEECK, 1992:193).

De toda a imaginária presente nesta igreja é de salientar a Imagem de São Mamede e de Nossa Senhora do Rosário. A imagem do Padroeiro (fig.3) demonstra um trabalho escultórico bastante tradicional e pitoresco, características que chamam a atenção do espectador. É uma escultura de vulto pleno e está representado imberbe. Apresenta-se com vestes longas de tom amarelo e manto vermelho, sendo os seus panejamentos acabados por uma banda em dourado. Segura na mão esquerda um livro e na mão direita um cajado ou vara, símbolo dos seus atributos iconográficos e do seu ofício de pastor[1]. A imagem encontra-se em bom estado de conservação, apresentando apenas algum destacamento de policromia, principalmente nas zonas do manto (fig.4).

Figura 6. Vista posterior de Nossa Senhora do Rosário.

No mesmo espaço onde está inserida a imagem do Padroeiro podemos observar a imagem de Nossa Senhora do Rosário (fig. 5), que demonstra pela liberdade e movimentação do trabalho dos panejamentos, assim como, pela sua ornamentação, um delicado trabalho escultórico. A imagem está representada numa posição frontal e encontra-se inserida numa base composta por figuras aladas. Segura o Menino no braço esquerdo, enquanto a sua mão direita lhe acaricia o pé. Apresenta vestes longas onde sobressai o arranjo do vestido azul claro com motivos vegetalistas debruados a dourado. Recebe um manto que segura pelos braços e que termina preso por uma flor na zona dos ombros. Na parte posterior da escultura (fig.6) o manto tem como base o azul forte e é ornamentado por estrelas douradas, enquanto o seu interior apresenta uma tonalidade rosa também decorado por motivos vegetalistas em dourado. O Menino apresenta-se nu, segurando na mão esquerda um globo azul, e com a direita toca nos panejamentos da Virgem. Ambos recebem um rosário, parecendo-nos o da Virgem bastante mais antigo. O estado de conservação desta peça é razoável, apesar de apresentar já algumas lacunas e ausência de policromia em determinadas zonas, como no manto.

[1] São Mamede é um santo popular de origem greco -oriental. Foi pastor e mártir em Cesareia na Capadócia. Segundo a lenda este santo construiu um oratório no deserto, onde se dedicou a espalhar o Evangelho aos animais selvagens. Com o leite dos animais produzia alimentos e oferecia aos pobres. O imperador Aureliano mandou os seus soldados perseguir São Mamede, mas foram espantados pelos animais selvagens, um leão, um urso e um leopardo, que rodeavam São Mamede numa postura de protecção. Depois de ter passado por diversos martírios, como ficar preso numa fogueira, ser eviscerado, tornou-se um santo bastante querido e de devoção muito antiga, principalmente a partir do século X. São Mamede é padroeiro das amas-de-leite e devido aos diversos martírios pelos quais passou é também protector das pessoas com doenças intestinais. Também é reconhecido por ser protector de gado.
É representado muitas vezes com os seguintes atributos: animais leiteiros, o leão, o tridente (instrumento de seu martírio), a vara, etc. (RÉAU, 1997: 312-314).

Figura 7. Vista da capela-mor para a nave da igreja.

Figura 8. Pormenor da capela-mor.

Quanto à espacialidade do interior, o elemento que mais se destaca é o volume do coro alto (fig.7). A fazer a divisão entre o espaço da nave e da capela-mor abre-se o arco cruzeiro de volta perfeita. Da capela-mor sobressai a representação de Cristo Crucificado colocado na parede fundeira (fig. 8). A igreja recebe em ambos os espaços cobertura em madeira e é caiada em todos os seus alçados. No seu todo esta igreja insere-se num conjunto das pequenas igrejas que caracteriza na maior parte das vezes a paisagem das nossas freguesias rurais e que são um elemento fundamental para a compreensão da religiosidade e das crenças populares, que uma vez por ano é enaltecida nas festividades em dedicação ao seu Orago.

Bibliografia:

ALMEIDA, F. de (1970) – História da Igreja em Portugal. Nova Edição. Porto-Lisboa: Livraria Civilização Editora. Vol. III.

ANDRÉ, I. M. e PATRÍCIO, C. (1988) – O catolicismo em Portugal: organização eclesiástica e práticas religiosas. Análise regional. *Finisterra*. Ano XXIII, n.º 46. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. pp. 225-249.

LOPES, E. T. (2004) – Lousada e as suas freguesias na Idade Média. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

MOURA, A. S. de (2009) – *Lousada Antiga. Das origens à Primeira República*. [s. l.], Ed. Autor. 2.ª Parte - Das Freguesias.

RAMOS, M. N. (2003) – *Structurations et mutations territoriales au Portugal, XIX^e et XX^e siècles. Pour une gestion administrative et politique des espaces*. Bordeaux, Université Michel de Montaigne. Tese de Doutoramento.

RÉAU, L. (1997) – *Iconografia del arte Cristiano.* Barcelona. Ediciones del Serbal.

VIEIRA, J. A. (1887) – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira. Vol. II.

Fontes impressas:

CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2008) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga. Edição de autor.

CRAESBEEK, F. X. S. (1992) – *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho, no ano de 1726*. Ponte de Lima: Ed. Carvalhos de Basto. Vol. II.

LEAL, A. S. A. B. P. (1990) – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Cota D'Armas. Vol. XI.

Fontes Impressas (em linha)

Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones. Vol. I. [Em Linha]. [Consult. a 6.10.2009]. Disponível em http://www.irib.org.br/portugaliae/pmhIV.asp.

CARDOSO, L. (Pe.) (1747) – Diccionario Geográfico…. Lisboa: Regia Officina Sylviana. Tomo I. [Em Linha]. [Consult. a 7.10.2009]. Disponível em http://purl.pt/13938.